

Economia - Brasil

Jornal de Brasília • 17

Economia

DOMINGO
BRASÍLIA, 1 DE FEVEREIRO DE 2009

Editora: Maria Eugênia
E-mail: meugenia@jornaldebrasilia.com.br
Sub-editor: Luis Fausto
E-mail: luis.fausto@jornaldebrasilia.com.br
Telefone: 3343-8047

ENTREVISTA

CLAUDIO HADDAD

Economista defende que o Brasil terá de desacelerar

Claudio Haddad é um dos economistas brasileiros mais identificados com o chamado liberalismo – e se orgulha disso. Há anos, dispara ácidas críticas contra o excesso de governo no País. Seria de esperar que, no meio da mais grave crise econômica global desde os anos 30, que tem levado muitos observadores a decretar o fim do capitalismo, ele estivesse na defensiva. Não está. O ex-diretor do Banco Central (BC), ex-sócio do Banco Garantia e diretor-presidente do Ibmec São Paulo mantém a fé inabalável no liberalismo econômico. E critica um certo superativismo do governo brasileiro na reação à crise. "O Brasil vai ter de desacelerar", diz.



PATRICIA STAVIS/FOLHA IMAGEM

Como o governo deve reagir à deterioração da economia?

O governo tem de fazer com que o ajuste à nova realidade seja feito da maneira mais fácil e tranquila possível. O que não deve fazer é tentar evitar essa nova realidade. Seria artificial. No início, o que se viu foram declarações meio ufanistas, de que a crise não chegaria ao Brasil. Agora, já tem gente até prevendo crescimento negativo, o que parece exagerado. De qualquer forma, a situação econômica se deteriorou muito – no mundo inteiro, não só no Brasil. Medidas para evitar crises de liquidez de curto prazo devem ser adotadas. É o que o Banco Central tem feito, por exemplo, com as reservas financiando o comércio exterior.

O que pensa de uma política contracíclica e, em especial, da medida que prevê o aporte de US\$ 100 bilhões na economia via BNDES?

Aí já tenho sérias dúvidas. Em primeiro lugar, porque há limites na política fiscal. Certamente a política contracíclica não deveria ser feita com despesas de consumo do governo. Notícias como a contratação de 50 mil funcionários e aumento de salários são contraproducentes, pois colocam mais pressão na política fiscal e na dívida do governo no médio e longo prazos. O governo já gasta 40% do PIB, sendo apenas 2% em investimento. O governo deveria contrair as despesas de consumo para dar mais espaço ao investimento.

Essas medidas o deixam preocupado com a situação fiscal?

Preocupa a forma como está sendo feito: aumento das despesas de consumo e empréstimos por meio do BNDES. A pretexto de um empacamento do crédito, os bancos oficiais estão se expandindo bastante. Os R\$ 100 bilhões do BNDES serão subsidiados, pois a taxa que os remunerará é menor que a do mercado.

Mas o setor privado está limitando o crédito, portanto, não está disposto a ocupar

"Quer evitar que essa acomodação aconteça, às custas de subsídio e política fiscal expansionista, é contraproducente e cria problemas para o futuro"

esse espaço.

Por que o crédito está sendo limitado? Se é um problema de taxas, é um problema de mercado. O fato é que há muita incerteza no ar sobre o lado real da economia, não só no Brasil, mas no mundo inteiro. O sistema bancário foi para o espaço, está sendo sustentado pelos governos, mas ao menos está estável. Do lado real, ninguém sabe o que ocorrerá. É agora que as empresas estão começando a ver o impacto da crise sobre seus consumidores, clientes, fornecedores. Vai levar alguns meses para que a situação se esclareça. É natural uma certa retração. Quer evitar artificialmente essa contração pode ser contraproducente.

O resumo disso tudo é que o Brasil vai desacelerar e o governo deve ver isso como consequência da conjuntura complicada?

É isso. O governo tem de evitar situações extremas. Se há falta de dólar porque todo mundo fugiu do Brasil, que se usem as reservas para aplacar essas variações. Isso é perfeitamente legítimo. Outra coisa é querer evitar uma situação que vai acontecer e terá de acontecer. O Brasil vai ter de desacelerar e é provável que a gente até desacelere menos do que os outros. Mas não adianta manter o PIB em 4% de forma artificial.

É exagero falar em crescimento negativo?

Quando a crise começou, dizia-se que havia um carry-over (carregamento) da expansão do ano passado. Por isso, o crescimento seria de 3,5%, por mais que caísse a economia. Depois, se falou em 2,5%. Agora se fala em 1%, 1,5% e tem gente falando em negativo, o que talvez seja exagero. O fato é que ninguém sabe. Pode ser 1%, 1,5%, 2%, pode ser qualquer coisa.

E a ideia de 'fim do mercado'?

É ridículo. Estão pegando uma crise no sistema financeiro e associando ao fim do capitalismo. Aham que os governos têm de ter uma participação maior na economia. Se esse negócio funcionasse, o Brasil dos anos 80 teria sido uma maravilha, a União Soviética idem e assim por diante. É papo furado das viúvas do socialismo e do intervencionismo.

Falta mais regulação ao mercado?

O governo brasileiro gasta 40% do PIB, o câmbio ainda é controlado. Há uma intervenção gigantesca do governo na economia. No mundo, não é uma questão de mais ou menos regulação, é questão de boa regulação. A regulação do sistema financeiro tem de existir, uma vez que o sistema tem proteção do governo. A contrapartida é: se o contribuinte vai pagar pela crise, o governo tem de ter controle. Mas uma coisa é regulação, outra é intervenção e operação. O sistema privado provou ser muito mais eficiente que o governo, apesar das falhas.

O senhor já consegue ver luz no fim do túnel?

Ainda vai ter muita coisa para acontecer do lado real. Vamos ver muita volatilidade este ano, quedas do PIB em vários países, choques. A crise pode ser extensa, mas não acho que será uma coisa tão profunda como a Grande Depressão dos anos 30. Não vejo dez anos, como nos anos 30, quando a situação só foi salva por um grande evento, como a 2ª Guerra Mundial.

COMUNICADO

Comunicamos ao público em geral, em especial aos alunos e seus responsáveis, que a partir do dia 30/01/2009, a Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa S.A. assumiu 100% do controle das filiais de Taguatinga e Águas Claras, que até então eram operadas através de sócios locais.

Isto significa que, a partir de agora, a gestão dessas filiais estará sob responsabilidade direta da Cultura Inglesa, o que garantirá a incorporação rápida de todas as inovações e melhorias.

Mais do que isso, os investimentos nessas filiais demonstram a sólida crença da Cultura Inglesa na importância e no potencial da região de Brasília, comprovada por sua presença nessa cidade, há mais de 40 anos.

Nossa missão primordial é oferecer um ensino do idioma inglês de qualidade incomparável, através da mais avançada tecnologia e de uma equipe de professores criteriosamente selecionados e treinados, fundamentado num compromisso de evolução constante e melhoria contínua.

Uma Cultura Inglesa cada vez melhor, mais eficiente, mais forte. Uma Cultura Inglesa cada vez mais Cultura Inglesa.

Mais informações poderão ser obtidas através dos telefones:

- Filial Taguatinga: 3351 0269
- Filial Águas Claras: 3435 4430

Comunicamos aos alunos e seus responsáveis que, por enquanto, as matrículas nas filiais de Taguatinga e Águas Claras serão renovadas diretamente nas secretarias dessas unidades.

CULTURA INGLESA 
www.culturainglesa.net